

OS ARAUTOS DO EVANGELHO NO ESPECTRO CATÓLICO CONTEMPORÂNEO

Gizele Zanotto*

RESUMO: Este trabalho analisará a criação e inserção da Associação Internacional de Direito Pontifício Arautos do Evangelho no campo católico brasileiro. Os Arautos do Evangelho foram criados inicialmente como Associação Privada de Fiéis na Diocese de Campo Limpo/SP em 1999. A partir daí, a Associação se internacionalizou, se consolidou, foi legitimada pelo Vaticano, fundou institutos teológicos, colégios, sociedades de vida apostólica, evidenciando um forte apego à autocompreensão conservadora do catolicismo, marcante nos pontificados de João Paulo II e de Bento XVI. Partindo da constatação da variedade de novas formas de manifestações do catolicismo no mundo contemporâneo, pretendemos avaliar a importância deste grupo na contemporaneidade eclesial, bem como ponderar sobre as estratégias de saber/poder que mobilizaram visando sua legitimação no espectro católico.

PALAVRAS-CHAVE: Arautos do Evangelho, campo católico, conservadorismo

THE HERALDS OF THE GOSPEL IN THE MODERN CATHOLIC SPHERE

ABSTRACT: This work analysing the establishment and insertion of the Heralds of the Gospel International Association of *Pontifical Right* in the Brazilian Catholic sphere. The Heralds of the Gospel were first established as a *Private Association* of the Faithful, in the Diocese of Campo Limpo, SP in 1999. Since then, the Association has become international, was consolidated and legitimized by the Vatican, founded theological institutes, schools, societies of apostolic life, etc., showing tight bonds with the conservative self-comprehension of Catholicism remarkable along the pontificates of John Paul II and Benedict XVI. Starting from the assumption of the variety of new forms of manifestations of Catholicism in the modern world, an evaluation is made regarding the importance of the group in the ecclesiastic contemporaneity, and considerations are drawn on the strategies of knowledge/power they have put to use in order to be legitimated within the Catholic sphere.

KEY WORDS: Heralds of the Gospel, Catholic sphere, conservadorism.

Não é novidade que o campo religioso contemporâneo está cada vez mais fluido, plural, dinâmico e compósito. Não é novidade que movimentos eclesiais de base são proliferados desde o segundo pós-guerra, muito em função dos novos anseios de ascese de fiéis ou mesmo de um “espírito prosélito” que se revigorou após o traumático conflito mundial. A novidade, é que muitos de nós, cientistas sociais e das humanidades, estamos deixando um pouco de lado nossos princípios metodológicos - que preconizam uma abordagem crítica - no estudo de alguns movimentos recentes. A

* Doutora em História Cultural pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Docente nos Cursos de Graduação e Pós-Graduação em História, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo (UPF). Este artigo foi apresentado no III Encontro Nacional do Grupo de Trabalho de História das Religiões e Religiosidades – ANPUH, realizado em Florianópolis, em outubro de 2010. Agradeço os comentários e sugestões recebidas, na medida do possível, tais questões foram adidas a esta versão do artigo final. Email: gizele@upf.br

história do tempo presente em si é uma problemática persistente, todavia, furtarmo-nos de uma análise mais acurada dos fenômenos contemporâneos é furtarmo-nos também do metier analítico do historiador, do cientista social, do sociólogo das religiões. Tal constatação instiga este texto, que pretende dar conta de apresentar alguns dos elementos da formação de um dos grupos católicos constituídos na última década e que está difuso e consolidado em 78 países por todo o mundo, segundo a perspectiva institucional, a Associação Internacional de Fiéis de Direito Pontifício Arautos do Evangelho (AE).

Para desenvolver nossa argumentação, estruturamos o texto a partir de eixos de desenvolvimento temáticos. Primeiramente avaliaremos a situação do campo religioso contemporâneo e, em especial, o campo católico brasileiro. Na seqüência analisaremos a gênese do grupo, apontando seus vínculos com outra entidade, a Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP), de onde se seccionou nos anos 1990. Por fim, pretendemos situar tal gênese e estruturação dos AE partindo de categorias como drama social, carisma, movimento católico e movimento eclesial de base, portanto, situando conceitualmente nossa compreensão sobre o grupo analisado. Ressaltamos que este é apenas um trabalho inicial, e que muito ainda há de ser agregado a tais considerações em função de novas fontes e de maior distanciamento temporal dos processos ainda em curso que estaremos aludindo. Todavia, reforço a necessidade de tal explanação visando esclarecer os meandros da constituição dos AE que a cada dia tornam sua narrativa mais mítica, ou seja, imprimem uma perspectiva desistoricizada no discurso de sua constituição.

A pluralidade como marca do campo católico brasileiro

Segundo Bourdieu, a noção de campo, extremamente dinâmica, fluida e articulatória, designaria “um espaço (...) no interior do qual há uma luta pela imposição de uma definição do jogo e dos trunfos necessários para dominar este jogo” (1990, p.119). Para o autor, tal categoria nos possibilita efetivar metodologicamente algumas divisões visando a análise pormenorizada como a do campo político, econômico, educacional, intelectual, religioso, sem nunca perdermos a dimensão dialética entre o campo pesquisado e os demais em suas relações de composição, troca, integração ou mesmo de rechaço.

O campo religioso, em especial, apresenta um expressivo crescimento e diversidade de grupos, doutrinas, filosofias, religiões, religiosidades, novos movimentos religiosos, enfim, apresenta-se como um fenômeno extremamente significativo, como reforça Deis Siqueira (In: SIQUEIRA. LIMA, 2003, p. 25). Nesta mesma perspectiva Pierre Sanchis destaca há muito que o Brasil parece ter sido sempre declinado ao plural em sua formação histórica visto que apresenta uma combinação tríplice de lógicas em suas manifestações religiosas que articula as mentalidades pré-moderna, moderna e pós-moderna (In: ORO. STEIL, 1997, p. 104s). Em suas considerações sobre o campo religioso contemporâneo no país, o autor afirma:

Parecia haver uma relativa homogeneidade religiosa dentro do território nacional. Aceleradamente as diferenças – e cruzamentos – se manifestam. Diversificação ativa, que multiplica, até no interior da mesma complexa instituição, como a Igreja Católica, as instâncias de referência identitária, os sistemas de atribuição de sentido, as famílias de espírito reagrupadas em torno de visões de mundo e ethos institucionalizados, as etiquetas religiosas coletivas, os produtos investidos de poder espiritual consensual – por um lado -, e, por outro – talvez até sobretudo – as maneiras de aderir a estes consensos, de pertencer a estes coletivos, de compartilhar estas visões de mundo e de adotar a orientação estes ethos; as modalidades da crença nestes sentidos e nestes poderes; os modos, exclusivos ou múltiplos, de afirmar e/ou combinar estas identidades, seja em assumindo uma posição estável, seja em tateando num itinerário só ou ainda, simplesmente, em procurando, através de mil caminhos, um horizonte... (SANCHIS. In: ORO. STEIL, 1997, p. 103s)

Em meio a tal diversificação, como salienta Sanchis, o catolicismo não permaneceu incólume. Uma miríade de grupos, quase-grupos, ordens, congregações, movimentos, constituíram-se nas últimas décadas tornando ainda mais plural este universo confessional já multifacetado¹. Neste sentido, a gênese dos Arautos do Evangelho situar-se no contexto amplo de pluricização crescente no espectro religioso contemporâneo e apresenta-se como mais uma das propostas em voga no amplo mercado de bens simbólicos ofertados cotidianamente aos fiéis e possíveis conversos potenciais.

¹ Em interessante estudo, Sérgio Coutinho apresentou uma proposta de localização dos diversos grupos existentes no espectro católico agrupando as identidades consolidadas nos anos 1950 – e que ainda mantêm-se como fortes referenciais para os fiéis - às novas posições desenvolvidas na segunda metade do século XX: identidade hegemônica-política do catolicismo tradicional romanizado, identidade contra-hegemônica alternativa do catolicismo social, identidade contra-hegemônica de caráter residual do catolicismo popular tradicional, posição de identificação, posição de adaptação cultural, posição de gueto, posição de cruzada e posição de restauração. Ver COUTINHO, 2004, p. 100ss.

A constituição da Associação dos Arautos do Evangelho a partir do núcleo tefepista²

Em agosto de 1997 fora criada a Associação Cultural Nossa Senhora de Fátima (ACNSF) por um grupo de leigos liderados por João Scognamiglio Clá Dias. Sua proposta é de difusão da mensagem mariana contra-revolucionária de Fátima com base na arrecadação de fundos por doação ou venda de livros e materiais. A ACNSF pode ser tida como entidade embrião para a futura Associação Arautos do Evangelho, visto que seus membros são essencialmente os mesmos e que aquela precedeu a segunda em cerca de dois anos. Em 21 de setembro de 1999, dom Emílio Pignoli, Bispo de Campo Limpo/SP³, aprovava os estatutos dos AE, reconhecendo-lhes ante a hierarquia católica. Segundo definem os estatutos,

A Associação Arautos do Evangelho do Brasil, que poderá designar-se também Arautos do Evangelho, ou ainda pela sigla AEB, é uma associação civil de caráter cultural, cívico, religioso, artístico, beneficente e filantrópico, de fins não lucrativos (...). A Associação tem a finalidade de ser instrumento de santidade na Igreja Católica, para que seus membros participem ativamente, consciente e responsabilmente na missão salvífica da Igreja através do apostolado, atuando em prol da evangelização, da santificação e da animação cristã das realidades temporais (Apud: ALTOÉ, 2006, p. 71).

Poucos anos depois, em 22 de fevereiro de 2001, os Arautos do Evangelho tiveram seu estatuto institucional elevado à Associação Internacional de Fiéis de Direito Pontifício por João Paulo II (1978-2005). Em 15 de junho de 2005 eram ordenados os primeiros sacerdotes dos AE em São Paulo, com respaldo de dom Lúcio Renna, Bispo de Avezzano/Itália, mesmo não sendo a entidade uma ordem religiosa. Interessante destacar a presença, na cerimônia, de importantes prelados brasileiros que demonstram uma ampla relação e respaldo aos AE no espectro eclesial: Cardeal dom Cláudio Hummes; dom Fernando Legal, bispo de São Miguel Paulista; dom Gil Antônio Moreira, bispo de Jundiaí; dom Joseph Mahfouz, bispo *Eparca dos Maronitas* em São Paulo; dom Benedito Beni dos Santos, bispo auxiliar de São Paulo; dom Antônio Maria

² O termo tefepista designa os membros da Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade sendo derivativo de sua sigla TFP.

³ Dom Emílio Pignoli nasceu em Cremona/Itália aos 14 dias de dezembro de 1932. Ordenado sacerdote no Brasil, na cidade de Cravinhos/SP (1957), seguiu carreira eclesial no país sendo eleito Bispo Diocesano de Mogi das Cruzes em 1976 e, posteriormente, nomeado Bispo da Diocese de Campo Limpo/SP onde também recebeu o título de Bispo Emérito em 2008. Seu lema episcopal é “Consolidai vossa vocação”.

Mucciolo, bispo emérito de Botucatu e Presidente da Rede Vida de Televisão. Também participaram setenta e três sacerdotes, incluindo monsenhor Piero Amenta, da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos do Vaticano; monsenhor Ângelo Di Pasquale, reitor da Igreja de *San Benedetto in Piscinula*, em Roma e o Padre Romolo Mariani, conselheiro espiritual dos Arautos do Evangelho. (ALTOÉ, 2006, p. 91).

Os Arautos do Evangelho, assim como a maioria dos novos movimentos eclesiais de base criados nas últimas décadas, tem como marca a figura agregadora do líder e fundador. A este personagem são legados a elaboração e consecução da proposta do grupo, sua organização, carisma, liderança e mesmo identidade. Os AE derivariam dos esforços de João Scognamiglio Clá Dias, seu fundador, e a pretensa decisão firme deste católico de dedicar-se a um ideal de vida comunitária visando a santidade e a missão evangelizadora (MONSENHOR JOÃO SCOGNAMIGLIO CLÁ DIAS, acesso em 10 de outubro de 2010)⁴.

Conforme narram as fontes dos AE, Monsenhor João Scognamiglio Clá Dias nasceu em 15 de agosto de 1939 na cidade de São Paulo. Filho de imigrantes – pai espanhol e mãe italiana -, João Clá Dias tivera formação católica “viva”, *coerente* com as crenças dos genitores. Ainda segundo o relato biográfico, o “vigor da Fé” teria se manifestado cedo quando procurara, ainda na escola, organizar um movimento para “dar aos jovens uma orientação virtuosa à existência” (MONSENHOR JOÃO SCOGNAMIGLIO CLÁ DIAS, acesso em 10 de outubro de 2010). João Clá fez parte das Congregações Marianas⁵ e, em 1956, a convite de um professor (possivelmente o sr. Orlando Fedeli), ingressou na Ordem Terceira do Carmo⁶, da qual muitos membros do

⁴ Os dados biográficos aqui apresentados são recorrentes nos vários sites da entidade: Arautos do Evangelho, *Regina Verginum* e *Virgo Flos Carmeli*.

⁵ As Congregações Marianas foram marcantes no início do século XX em todo o território nacional. Coordenados por algum membro da hierarquia, pretendiam resolver também a ausência de homens na vida religiosa (MAIA, 1992, p. 58). Segundo Rambo, “as Congregações Marianas fomentaram a vida religiosa e sacramental dos jovens e dos homens de todas as classes sociais e de todos os níveis de formação. Também essas organizações exibiam uma evidente preocupação pela formação, pelo cultivo da vida cristã por meio da vida sacramental de seus associados, além de um marcante espírito apologético e missionário. As Congregações Marianas caracterizavam, em primeiro lugar, as paróquias e os colégios dos jesuítas. Nas ocasiões de manifestações públicas de fé, como nas procissões de Corpus Christi, congressos eucarísticos e outros, os congregados marianos davam bem a idéia de um catolicismo militante, símbolo da igreja militante e tão ao gosto dos jesuítas” (RAMBO, 2002, 294).

⁶ Fundada em 1695, a Ordem Terceira do Carmo configura-se numa associação leiga espiritualmente ligada à Ordem dos religiosos carmelitas. A Ordem Terceira do Carmo agrega leigos que se congregam em associação seguindo os regulamentos da ordem à qual estão atrelados (a Ordem primeira é dos padres, a Segunda de mulheres, a Terceira de leigos).

chamado “grupo de Catolicismo”, embrião da futura Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP), faziam parte.

Ainda segundo a narrativa biográfica, temos reforçada a informação de que uma pré-concepção da vida comunitária - que seria impressa na Associação dos Arautos do Evangelho – teria sido esboçada por João Clá Dias nos anos 1970. Segundo o relato:

Seu anseio de perfeição o levou, em 1970, a iniciar uma experiência de vida comunitária, em um antigo móvel beneditino, em São Paulo. Dos primeiros companheiros, ninguém perseverou. Porém, após numerosas dificuldades, aquela experiência adquiriu solidez, dando origem ao movimento de evangelização dirigido por Mons. João Clá. Multiplicaram-se, a partir deste foco originário, casas de vida comunitária onde seus membros se dedicam à oração e ao estudo como preparação para a ação evangelizadora. Juridicamente, tomou a forma de uma Associação Privada de Fiéis, os Arautos do Evangelho, na diocese de Campo Limpo (Brasil). E em decorrência de sua implantação em outros 20 países, foi reconhecido pelo Pontifício Conselho dos Leigos, em 22 de fevereiro de 2001, como uma Associação Internacional de Direito Pontifício, que hoje estende suas atividades a 78 países, nos cinco continentes. Pouco depois, o Vicariato de Roma confiou aos Arautos do Evangelho o encargo da igreja de S. Benedetto in Piscinula. (MONSENHOR JOÃO SCOGNAMIGLIO CLÁ DIAS, acesso em 10 de outubro de 2010)

Dos núcleos iniciais e dos primeiros sacerdotes ordenados em 2005 foram constituídas a Sociedade Clerical de Vida Apostólica *Virgo Flos Carmeli* e a Sociedade de Vida Apostólica *Regina Verginum*, ambas reconhecidas pelo papa Bento XVI (2005-20--) em 04 de abril de 2009.

A formação acadêmica deste líder católico também é destacada pelos grupos que fundou e dirige. João Clá seria formado em Direito pela Faculdade do Largo de São Francisco, de São Paulo; Filosofia e Teologia pelo Centro Universitário Ítalo-Brasileiro de São Paulo; licenciado em Humanidades pela Pontifícia Universidad Católica Madre y Maestra da República Dominicana; Mestre em Direito Canônico pelo Pontifício Instituto Superior de Direito Canônico do Rio de Janeiro; Doutor em Direito Canônico pela Universidade Pontifícia São Tomás de Aquino (Angelicum) de Roma. Ainda sublinhando seu desejo árduo pelo saber e pela difusão doutrinária, o discurso biográfico destaca:

Seu intenso desejo de dedicar a vida ao apostolado, na fidelidade ao magistério da Cátedra de Pedro, somado à consciência vívida da necessidade de um profundo conhecimento doutrinário, o levou a realizar estudos teológicos tomistas com grandes catedráticos de Salamanca (Espanha), como o Pe. Arturo Alonso Lobo O.P., o Pe.

Marcelino Cabrerros de Anta C.M.F., o Pe. Victorino Rodríguez y Rodríguez O.P., o Pe. Esteban Gómez O.P., o Pe. Antonio Royo Marín O.P., o Pe. Teófilo Urdánoz O.P. e o Pe. Armando Bandera O.P. (MONSENHOR JOÃO SCOGNAMIGLIO CLÁ DIAS, acesso em 10 de outubro de 2010)

Como resultado prático de tal formação – coadunado com o pretense ímpeto evangelizador do então sacerdote João Clá Dias – teríamos a criação de institutos para a formação intelectual e doutrinária sólida dos membros dos Arautos do Evangelho. O Instituto Filosófico Aristotélico Tomista (IFAT), o Instituto Teológico São Tomás de Aquino (ITTA) e o Instituto Filosófico-Teológico Santa Escolástica para o ramo feminino do grupo. Também a criação da Faculdade Arautos do Evangelho (FAEV) – não credenciada pelo Ministério da Educação -⁷ com os cursos de Filosofia e Teologia é marcante como obra de João Clá. Outro investimento educacional, agora voltado para a educação básica, se consolidou com a constituição do Colégio Arautos do Evangelho Internacional na cidade de Embú/SP, que iniciou as atividades letivas em 2005. Ao Colégio foram adidos a igreja de Nossa Senhora do Rosário e o Seminário dos Arautos do Evangelho (MONSENHOR JOÃO SCOGNAMIGLIO CLÁ DIAS, acesso em 10 de outubro de 2010).

Embora coerente com uma biografia que se quer, aos poucos, tornar hagiografia, a narrativa não contempla e/ou dissimula fatos e vínculos anteriores do Mons. João Clá Dias que, para uma abordagem histórica do movimento dos AE, não podem ser desconsiderados. Destarte, pretendemos apresentar outros dados relativos a vida e obra do Monsenhor Clá Dias visando desmitificar o discurso oficial dos AE sobre seu fundador. Temos clareza de que o investimento de fé⁸ não tem essencialmente relação direta e lógica com dados empíricos, pois se situa para além do fato objetivo. Todavia, não podemos nos furtar de analisar a gênese de tal grupo – assim como de outros – considerando as instâncias sócio-históricas que lhe conferiram legitimidade e sentido

⁷ O Conselho Nacional de Educação do Ministério da Educação, em resposta ao processo 23000.009040/2007-5, que versa sobre o Credenciamento da Faculdade Arautos do Evangelho, a ser instalada no município de Caeiras/SP, deu parecer contrário ao credenciamento da FAEV em 04 de junho de 2009. Um recurso contra a decisão do Parecer CNE/CES 169/2009 foi solicitado pelos propositores da FAEV, mas, novamente o pedido de credenciamento foi negado. Ver: PARECER CNE/CES No. 169/2009. Acesso em 10 de outubro de 2010. / PARECER CNE/CES No. 5/2010. . / GALVÃO, TAKAHASHI, Acesso em 10 de outubro de 2010.

⁸ “Entendo por crença não o objeto do crer (um dogma, um programa, etc.), mas o investimento das pessoas em uma proposição, o ato de enunciá-las considerando-a verdadeira – noutros termos, uma modalidade da afirmação e não o seu conteúdo”. CERTEAU, 2003, p. 278.

ante a Igreja, a história do fundador, a sociedade brasileira (depois mundial, visto a expansão da Associação para cerca de 80 países, conforme divulgam em seu site) e seu público amplo de fiéis. Apresentar parte dos meandros que envolvem a fundação e consolidação dos AE são o norte das considerações a seguir.

Justamente em 1999 – ano de fundação dos AE - iniciamos os estudos sobre a Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP), movimento católico fundado em 1960 como entidade civil defensora do tradicionalismo católico e da tríade que nomeia a instituição. A TFP possui uma interessante gênese anterior a fundação propriamente dita, e que se conformou com a reunião de jovens católicos na capital paulista, sempre sob a liderança de Plínio Corrêa de Oliveira, líder do laicato ainda nas décadas de 1930 e 1940. Institucionalizada, a TFP passa a angariar futuros neófitos de forma mais abrangente, aliciando estudantes de destaque e, mais tarde, todos os interessados- tal divisão tripartite, segundo o ex-tefepista Barreiros, passou a ser a base da própria organização hierárquica da entidade⁹.

A atuação pública da TFP acabou gerando alguns conflitos de rua durante as campanhas, situação que não arrefeceu o ímpeto proselitista dos seus membros. A luta tefepista também incluía polêmicas apaixonadas com seus interlocutores, muitas das quais culminavam com denúncias de subversão e súplicas aos poderes policiais por repressão, especialmente durante a ditadura militar. Como resultado deste proselitismo agressivo, grupos e partidos de esquerda, movimentos sociais diversos, grupos feministas, abortistas e divorcistas, grupos GLS, reformistas em geral, representantes do catolicismo social e expoentes da hierarquia e, em especial, a CNBB, se esforçaram por deslegitimar muitas das ações da TFP e mesmo questionar a sua vinculação ao catolicismo diante das campanhas ruidosas que promovia e do estatuto civil que a rege. Diante do que consideraram um avanço do progressismo católico, os tefepistas acabaram estabelecendo vários momentos de confronto doutrinário direto com a Igreja ou membros da hierarquia criando um clima desfavorável entre a associação e parte do clero. Todavia, tal animosidade não foi além de advertências e recomendações aos

⁹ Segundo o egresso: “quanto à escala hierárquica, de funções, era dada mais pela idade, pelo tempo de TFP. Por exemplo, o pessoal da primeira geração, que eram os sócios fundadores da TFP, tinham mais funções “decorativas”, a não ser o Plínio, obviamente... O pessoal da segunda geração, aí sim, estavam todos em cargos da alta direção; por exemplo, o diretor da Diretoria Administrativa e Financeira Nacional, que é da família Vidigal Xavier da Silveira, os encarregados de algumas sedes importantes etc. Depois, a terceira geração, a geração do João Clá, por exemplo, era a geração que tomava conta das sedes pelo Brasil, eram os encarregados das sedes. Daí para baixo, não havia uma escala hierárquica” BARREIROS, 2004, p. 17.

católicos próximos ou pertencentes à TFP de que atentassem para a realização de práticas pouco ortodoxas no interior da entidade findando com tais atuações não autorizadas pela hierarquia¹⁰.

João Clá teria ingressado no Grupo de Catolicismo¹¹ – embrião da TFP – em 1956 e permanecido em suas hostes, oficialmente, até 29 de maio de 2006. Sua inserção na TFP, registrada como entidade civil em 1960, deu-se aos poucos e, segundo o egresso Fedeli, sua proximidade com Plínio Corrêa de Oliveira foi consolidando-se em função da proximidade de ambos durante os períodos de restabelecimento do primeiro, inicialmente em 1965 quando Plínio realizou uma cirurgia em função da diabetes (amputou parte do pé direito) e em 1975, quando sofreu grave acidente automobilístico (FEDELI, 2010, acesso em 10 de outubro de 2010).

Tal era a proximidade de ambos, que a João Clá foi delegada a tarefa de organização de uma biografia de Dona Lucília Ribeiro dos Santos (1876-1968), genitora de Plínio, obra essencialmente pautada em cartas entre mãe e filho e em fotografias da intimidade familiar. Da convivência João Clá foi tornando-se responsável pelo aliciamento de jovens e pela organização das casas de estudo da entidade, muitas das quais mantinham regras próximas às de ordens religiosas. Destas casas destaca-se a vivência isolada de membros nos chamados Êremos e Camáldulas. As Camáldulas funcionavam como casas específicas de estudo, onde as pessoas pesquisavam temas encomendados pelo líder e escreviam livros dedicados a problemáticas específicas. Nestas casas os membros mantinham uma vida totalmente isolada, “cada um com seu quarto individual, e as pessoas não se comunicavam, não falavam” (BARREIROS, 2004, p. 15.). Além das orações e rituais não tinham uma vida em comum. Já nos Êremos¹² os tefepistas dedicavam-se aos estudos, mas, sobretudo à oração e à

¹⁰ Ver: CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 1985. p. 35.

¹¹ O Grupo de Catolicismo esteve organizado sob a liderança de Plínio Corrêa de Oliveira e, a partir de 1951, passou a publicar o mensário Catolicismo. A partir dos anos 1980 o mensário tornou-se porta-voz oficial da TFP. Com o conflito judicial entre os fundadores e os litigiosos, a edição da revista manteve-se sob o controle dos primeiros, sendo publicada ainda em nossos dias.

¹² Em obra em que Plínio Corrêa de Oliveira defende a TFP contra acusações de egressos, o fundador destaca que os Êremos “não são nada mais do que sedes de estudo ou trabalho em que se requer maior concentração de espírito, ou simplesmente se tem em vista um melhor aproveitamento da ação. Pois os Êremos revelaram-se altamente eficazes como fator de aprofundamento intelectual e rendimento dos trabalhos”. Também recordou que tais casas de estudo surgiram pela própria vontade dos membros a partir da adoção de um regime de silêncio – fora das horas de reunião e lazer – onde fosse mais propício o recolhimento, ao trabalho e ao estudo. Seu nome deriva do Êremo del cárcere, lugar de recolhimento e oração construído por São Francisco de Assis. OLIVEIRA, 1985. p. 54 (nota 2) / Ver: ZANOTTO, 2004.

preparação dos cerimoniais da TFP (música, coreografias, liturgias, etc.) (ZANOTTO, 2007, p. 181s).

O que chama a atenção é que nas biografias de João Clá Dias divulgadas pelos AE há uma omissão completa de qualquer vínculo com esta entidade, que o abrigou por décadas e da qual foi um dos líderes exponenciais das alas jovens – com exceção da publicação da obra *Dona Lucília* (1995)¹³, sempre mencionada entre suas produções. Também foi o secretário particular do fundador, Plínio Corrêa de Oliveira, que está aparecendo aos poucos no discurso oficial dos AE, num processo que, lançamos a hipótese, tem relação com um resgate e legitimação deste líder católico ante a própria hierarquia. Dois exemplos deste movimento que consideramos de aproximação e vinculação de Plínio Corrêa de Oliveira à ortodoxia derivam de iniciativas dos grupos dos AE: inicialmente o lançamento de um vídeo alusivo à fidelidade de Plínio ao catolicismo – que circulou em ambientes internos -, lançado pela Editora Retornarei, intitulado *Plínio Corrêa de Oliveira – Varão Católico, Apostólico e Romano*, 2006¹⁴, e, na seqüência, a defesa da tese de doutoramento de João Clá Dias defendida em Roma no ano de 2009 reforçando a importância da proximidade e dos ensinamentos de Plínio para sua formação religiosa, filosófica e cultural¹⁵.

Com a morte de Plínio Corrêa de Oliveira, em 03 de outubro de 1995, as disputas internas pela liderança da entidade – muito marcada até aquela data pela figura do líder incontestado, fundador e presidente vitalício, -, ficaram cada vez mais evidentes.

¹³ A obra foi sendo publicada aos poucos na revista Dr. Plínio, publicação mensal criada sob a batuta da Editora Retornarei Ltda. A revista tem circulação restrita, mas conseguimos obter alguns números dos anos 2005 e 2006 quando éramos assinantes da mesma.

¹⁴ O vídeo foi lançado em 2006 (não consta na ficha técnica) pouco depois do lançamento do no. 100 da revista Dr. Plínio – a idéia inicial era o lançamento conjunto - e divulgado a poucos, visto ser a venda restrita aos círculos apoiadores de João Clá Dias. Tivemos a oportunidade de adquiri-lo por sermos então assinantes da revista Dr. Plínio. Chama a atenção que naquele período – julho de 2006 – uma carta enviada para os assinantes destaca “1. O nosso reverendíssimo Padre Geral, anunciou recentemente que a tiragem mensal da revista Dr. Plínio superou a casa dos 10.000. 2. Esta revista, não deixa de ser um importante instrumento para a formação da plataforma tão almejada pelo reverendíssimo Padre João Clá”. Circular para todos os assinantes da revista “Dr. Plínio”. Assinada por Antonio Augusto L. Miranda.

¹⁵ “A Tese compõe-se de três capítulos. No primeiro são analisadas as várias figuras associativas existentes na atual legislação canônica. No segundo, é descrito o percurso vocacional do fundador, assim como a evolução jurídica do Movimento, desde a sua gênese até o presente; ainda neste capítulo, explanase com precisão e rigor o importante papel desempenhado pelo Prof. Plínio Corrêa de Oliveira na formação religiosa, filosófica e cultural de Mons. João Scognamiglio Clá Dias, ficando assim patente quanto o pensamento e a personalidade dessa destacada figura do laicato católico do século XX influenciaram o carisma dos Arautos do Evangelho. O terceiro capítulo apresenta os elementos essenciais do carisma e da espiritualidade do Movimento, a qual pode ser resumida numa ardorosa devoção à Sagrada Eucaristia, a Maria e ao Papa. Por fim, o autor da Tese desdobra importantes e profícuas conclusões”. (grifo nosso) Ver: REVISTA ARAUTOS DO EVANGELHO. Acesso em 10 de outubro de 2010.

Seguindo rigorosamente os Estatutos Sociais da TFP, os sócios-fundadores mantiveram a organização restrita da entidade, que derivava suas decisões do Conselho Nacional (CN) e da Diretoria Administrativa e Financeira Nacional (DAFN). Os conflitos iniciaram com base em alguns argumentos chaves: a reorganização da TFP para torná-la como que uma congregação religiosa, reconhecida pela Igreja Católica; o abandono da atuação político-cultural (que marcou a história e o nome da instituição por décadas no Brasil e no mundo) em prol da exclusividade da formação religiosa; a criação de uma ala feminina, para além da aceitação de mulheres somente como correspondentes nas hostes tefepistas; a consagração da liderança de João Clá Dias de forma oficial; o controle dos bens e dos cadastros de correspondentes e doadores da TFP (ALTOÉ, 2004, p. 58ss / INTROVIGNE, 2008, p. 219ss). Assim, desde o falecimento de Plínio Corrêa de Oliveira, constituíram-se dois grupos que disputam o controle da TFP – judicialmente desde 1997.

O primeiro grupo deriva dos sócios fundadores da entidade, também denominados *Provectos* nos ambientes tefepistas, que reivindicam a manutenção da cláusula estatutária que prevê que as decisões da TFP devam ser realizadas pelos sócios fundadores e alguns sócios temporários. O segundo, agrupado em torno de João Clá Dias e reúne os chamados jovens (segunda e terceira gerações de tefepistas). Suas reivindicações principais pautam-se na questão da participação ampla nas decisões da entidade com alargamento do direito de voto a todos os sócios, a criação de uma ala feminina, o afastamento das atividades político-culturais e a dedicação quase integral ao aperfeiçoamento espiritual, o controle financeiro da entidade e aproximação com o Vaticano. Este grupo reuniu-se em novas instituições, concorrentes e antagônicas à própria TFP, a Associação Cultural Nossa Senhora de Fátima e a Associação Arautos do Evangelho.

A primeira sentença emitida em relação ao processo judicial iniciado em 1997 foi favorável aos Fundadores, preconizando aos descontentes o “sagrado direito de retirada”. Uma segunda decisão foi favorável aos propositores da ação e, com base em tal sentença, mantêm o controle da TFP ainda em nossos dias. Em 2004 o grupo liderado por João Clá Dias - institucionalmente vinculado a TFP e AE -, obteve na justiça o direito efetivo de dirigir a TFP¹⁶, o que ocasionou no afastamento dos sócios

¹⁶ Ver: 3ª VARA CÍVEL DE SÃO PAULO. 19 de julho de 1998.

fundadores, reunidos na recém criada Associação dos Fundadores da TFP (2004) enquanto aguardam uma decisão definitiva da justiça brasileira sobre o direito de direção e gestão da entidade fundada por Plínio Corrêa de Oliveira. Em agosto de 2006 os Fundadores entraram com ação judicial solicitando a exclusão de sócios insatisfeitos a partir do reconhecimento de uma dissidência instaurada na Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP) em fins da década de 1990¹⁷.

Entre os meandros do processo em curso de desmantelamento da TFP e de silenciamento de suas atividades algumas medidas devem ser destacadas, mesmo que ainda careçam de pesquisas mais aprofundadas:

- a) Empreendimento de ampla mobilização judicial contra a TFP – centenas de ações - pelo ressarcimento a atividades até então tidas como voluntárias, mas que a partir da ação na justiça, foram consideradas como trabalhistas, passíveis de remuneração não recebida nos anos de permanência e serviço à entidade.
- b) Criação, por parte do grupo ligado a João Clá Dias, de uma entidade fatimista concorrente à campanha Vinde Nossa Senhora de Fátima, não tardeis! da TFP. A instituição denomina-se Associação Cultural Nossa Senhora de Fátima (ACNSF) e foi fundada em 1997 tendo se beneficiado da utilização das fichas cadastrais de doadores da campanha tefepista para iniciar seus trabalhos enquanto ainda estavam na TFP. Importante destacar que mais de 90% da receita da TFP provinha desta campanha, ou seja, o desvio de doações para outra instituição lesou profundamente os cofres tefepistas¹⁸.
- c) Destituição da característica mais patente da TFP – sua ação político-cultural -, configurando numa alteração profunda no perfil histórico de atuação da entidade, contrária aos Estatutos – alterados por ordem judicial ainda em tramitação – e aos anseios dos fundadores.

¹⁷ Ver: VARA CÍVEL DO FORO CENTRAL DA COMARCA DA CAPITAL DO ESTADO DE SÃO PAULO, 10 de agosto de 2006.

¹⁸ É notório que, além da utilização das fichas cadastrais para reverter doações para a ACSNF, membros do grupo de João Clá Dias visitaram inúmeros doadores solicitando o vínculo à nova entidade, configurando-se em atividade de duplicidade institucional em detrimento de um de seus vínculos mas fazendo uso deste para levar à cabo suas ações – ou seja, dispondo de seus recursos humanos e materiais. Ver: ALTOÉ, 2006. / VARA CÍVEL DO FORO CENTRAL DA COMARCA DA CAPITAL DO ESTADO DE SÃO PAULO, 10 de agosto de 2006.

A TFP, controlada veladamente pelos AE desde abril de 2004, cessou sua atuação político-cultural, descaracterizando-se como instituição de luta ideológica ante a sociedade brasileira e internacional (lembramos que a maioria das TFP's internacionais também foram controladas por grupos ligados ao Monsenhor João Clá Dias e seu grupo). A herança cultural, moral, intelectual e a obra de Plínio Corrêa de Oliveira, então em litígio, permanece sem decisão definitiva pela justiça. Todavia, a disputa simbólica por tais vínculos continua acessa e mobilizando paixões e ações. Para findar esta parte do texto, destacamos também que análises interessantes sobre o capital religioso e simbólico em contenda – para além das demais questões – é extremamente relevante para tentarmos compreender as disputas entre os fundadores e o grupo capitaneado por João Clá Dias (INTROVIGNE, 2008, p. 251s). Tal perspectiva embasa ainda nossa compreensão de que para além do material e do político, outros anseios também podem ser considerados como fortes vetores para a querela pelos “despojos” materiais e imateriais de Plínio Corrêa de Oliveira.

O litígio sob o prisma analítico

Um verdadeiro exército de fiéis, os Arautos do Evangelho são uma ordem de leigos nascida nos quadros da TFP, organização católica conservadora que teve papel atuante no Brasil dos anos da ditadura. Do lado dos militares, claro, João Clá Dias foi pupilo do fundador da TFP, Plínio Corrêa de Oliveira (1908-1995), figura idolatrada pelos membros da organização e chamado por eles de “doutor Plínio”. De origem humilde, João Clá entrou na TFP muito jovem e foi crescendo em carisma e poder. Embora nunca tenha integrado a diretoria da entidade, era considerado herdeiro espiritual do doutor Plínio. Após a morte do fundador, João Clá capitaneou uma boa parcela dos integrantes da TFP, principalmente os mais jovens, que estavam descontentes com as posições políticas assumidas pela entidade. Em 1999, fundou os Arautos do Evangelho e conseguiu a adesão de grande parte dos antigos tefepistas. (REVISTA AOL, acesso em 30 de maio de 2005)

Em precursores e interessantes estudos sobre a constituição dos Arautos do Evangelho a partir de sua secção da TFP – tal como apontado na reportagem acima -, Altoé (2004 e 2006) e Zanotto (2007) mobilizam as categorias de carisma e drama social para analisar os acontecimentos desencadeados nos interior desta entidade e que, após anos de conflitos velados ou abertos, desencadeou a formação de duas entidades:

os Arautos do Evangelho (AE - 1999) e a Associação dos Fundadores da TFP (AFTFP – 2004).

Ao analisar a força de Plínio Corrêa de Oliveira ante seu séquito, consideramos que o discurso que ressignificou a compreensão sobre este líder - tido como expoente do laicato para, com o tempo, ser considerado santo, profeta, inerrante, imortal -, derivou de amplo trabalho iniciático e persuasivo que só pode ser empreendido de forma eficaz e significativa por contar com o auxílio especial de João Clá Dias, como vetor de difusão de tais idéias nada ortodoxas. O essencial no discurso sobre a excepcionalidade de Plínio Corrêa de Oliveira é a possibilidade de aceitação e de crença que ele engendra entre os sequazes, visto que o poder das autoridades carismática e profética é caracterizado pela fé, e não pela razão ou força. Esta crença deriva de um esforço discursivo em conceber e instituir Plínio como dotado de atributos especiais, de um carisma providencial. Como destaca Sandre, o carisma é considerado uma forma peculiar de poder que fornece ao líder uma autoridade baseada não no caráter sagrado da tradição ou na legalidade e racionalidade de uma função, mas, num dom, na capacidade extraordinária que possuem, e que se impõe aos sequazes no anúncio e realização de uma missão de caráter religioso, político, filantrópico (SANDRE, 2002, p. 149).

Ao mesmo tempo poderosa e lábil, a liderança carismática demonstra sua validade com o reconhecimento deste dom pelos sequazes através de provas, da entrega à revelação, veneração de heróis ou da confiança no líder. Esta liderança só é legítima, salienta Weber, enquanto e na medida em que ‘vale’, ou seja, encontra reconhecimento pelos liderados; da mesma forma que os homens de confiança, os discípulos ou sequazes só são úteis ao líder enquanto tem vigência sua confirmação carismática (WEBER, 2000, p. 159s). Sandre complementa que esta fragilidade do carisma revela-se de maneira mais contumaz quando a questão da continuidade se apresenta, ou seja, um carisma pessoal para manter-se institucionalmente (como no caso da TFP), sem perder o poder mobilizador, deve ser comunicado através de um mecanismo legítimo de transmissão que geralmente deriva de laços de parentesco, contrato direto com o líder carismático ou pela outorga do carisma por ofício (SANDRE, 2002, p. 150).

Tal qual a constituição de grupos qualificados como ‘seitas’, é com a segunda geração que se verifica a força remanescente do grupo em manter-se unido e fiel sem a presença física do líder; é especialmente com a segunda geração que o grupo demonstra

sua viabilidade efetiva, ou ele se estabelece definitivamente – e passa a ser aceito como legítimo pela sociedade - ou se dissolve. No caso da TFP, a rotinização do carisma, a transposição dos dons extracotidianos de Plínio para a própria TFP não teria se consolidado. Para Altoé (2004, p. 61) João Clá era o mais próximo de Plínio, era seu “escravo” fiel (consagrou-se como escravo do profeta em cerimônia do grupo Sempre Viva, sociedade secreta no interior da TFP). Sua força derivaria também da proximidade com os jovens da entidade, para além do que preconizam os estatutos sociais que o legavam a categorias distantes das decisões administrativas da entidade. Tal força/poder foi requerida de modo oficial e diretivo após a morte de Plínio, desencadeando, com isto, o processo de drama social, analisado por Altoé (2006).

Seguindo os estudos de Victor Turner, Altoé retoma a compreensão de que dramas sociais seriam processos políticos que envolveriam a competição pela dominação de bens escassos - como poder, dignidade, prestígio, honra, pureza – por meio da mobilização de recursos também escassos - bens, território, dinheiro, homens, mulheres, etc. Tais conflitos se desenvolveriam em quatro fases distintas denominadas de ruptura, crise, reforma, reintegração ou reconhecimento do cisma (ALTOÉ, 2006, p. 67).

O processo do drama social se iniciaria com uma ruptura da norma, com uma infração de regras previamente estabelecidas e aceitas por dado grupo ou sociedade, desencadeadas após o falecimento de Plínio Corrêa de Oliveira, em 1995. Tal situação geraria, na seqüência, uma crise em função do desafio à autoridade então estabelecida. Em essência, os conflitos versavam sobre a direção da TFP, a gestão de seus bens, honra e prestígio, assim como pela concepção motriz do que deveria ser a TFP a partir de então: manter-se como entidade civil ou tornar-se associação religiosa. A partir daí, segue Altoé, formar-se-iam partidos e facções e a ruptura social tenderia a se tornar mais aguda, mais ampliada e difusa. Em função dos conflitos haveria então um acionamento de mecanismos de reforma visando a solução dos problemas por vias menos drásticas – no caso em questão, o mecanismo acionado seria o processo judicial que, não obtendo efeito reformador, faz o processo regredir novamente para a crise. Em resposta a tais propostas reformistas (ou tentativas de) estar-se-ia gestando os desenlaces da quarta fase do drama social, que se encaminha ou para a reintegração ou para o reconhecimento do cisma (ALTOÉ, 2006, p. 68s).

Derivativo de todo este processo que situamos no interior do campo católico de transformação da TFP em Arautos do Evangelho, temos também a reconfiguração de um grupo antes constituído como entidade civil e considerado como um movimento católico, para uma estrutura eclesial de base subordinada a hierarquia, segundo as categorias de Pablo Richard (1982, p. 11)¹⁹. Tal inclusão à estrutura eclesial não pode ser desvinculada de todo o processo de dinamização do campo religioso que apontamos no início do texto e, sobretudo, à matriz operativa adotada pela Igreja Católica ainda no pontificado de João Paulo II e mantida sob a batuta de Bento XVI, pois compreendemos esta instituição também como um centro de poder. Como reforçam Zylberberg e Côté,

Se a Igreja é um universo de crenças, é também uma arena de lógicas estratégicas, uma organização hierarquizada em que os recursos do poder e da influência se encontram distribuídos, de forma desigual, entre as elites e as massas (ZYLBERBER. CÔTÉ. In: LUNEAU. MICHEL, 1999, p.323s).

A partir dos anos 1980 o catolicismo conservador consolidou-se como hegemônico na Igreja Universal, resultado prático do esforço empreendido pelos seus defensores que, desde a década anterior, empenhavam-se pela retomada das posições decisórias dos organismos regionais, nacionais, continentais e mundiais da Igreja. Simbolicamente, esta hegemonia foi representada como tendo seu grande marco na eleição do papa polonês ao trono de Pedro, que escolheu chamar-se João Paulo II. Neste contexto, o catolicismo conservador se concretizou com um novo comportamento que simultaneamente acolheu e/ou rejeitou os elementos do mundo pós-moderno, conforme sua eficácia para a expansão da fé e consolidação da Igreja na sociedade.

O Sínodo Extraordinário dos Bispos realizado em 1985 - em comemoração e reflexão sobre os vinte anos do Concílio Vaticano II - realçou que a Igreja efetivamente se encontrava diante de uma crise que só poderia ser superada pelo reforço do centralismo. Também primou pela admissão de uma política inclusiva e valorativa de elementos regionais nas Igrejas locais, que tornou mais expressiva a convivência de grupos heterogêneos e até mesmo antagônicos em uma instituição que, sofrendo com a perda crescente de influência, poder e fiéis, implementou uma estratégia de manutenção e ampliação de seu público através da “tolerância” às inúmeras organizações religiosas

¹⁹ Para Richard movimento católico designa grupos, movimentos, etc., explicitamente confessionais mas não subordinados ou vinculados diretamente à Igreja. Já as estruturas eclesiais seriam derivativas de um vínculo direto com a instituição católica e podem ser divididos em grupos de base e hierárquicos.

e/ou leigas surgidas no pós-guerra, ressaltando a “variedade e a pluriformidade na unidade” (COMUNICADO MENSAL DA CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 1985. p. 1679)²⁰. Assim, optou-se pela legitimação de uma pluralidade de formas religiosas nas quais o mínimo de reconhecimento identitário relacionava-se com a aceitação do núcleo dogmático das chamadas “devoções brancas”: infalibilidade papal, Imaculada Assunção de Maria e transubstanciação eucarística. Neste sentido, ainda no Sínodo, sublinhou-se a necessidade da unidade hierárquica e sacramental. Conforme o *Retatio Finalis*:

pela unidade da fé e dos sacramentos, e pela unidade hierárquica, e modo especial com o centro da unidade que nos foi dado por Cristo no serviço de Pedro, a Igreja é aquele povo missiânico (sic) de que fala a Constituição “Lumen Gentium” nº 9; desse modo a comunhão eclesial com Pedro e com os seus sucessores não é obstáculo mas antecipação e sinal profético da unidade mais plena (COMUNICADO MENSAL DA CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 1985. p. 1678)

Ante tal diversificação ativa, as medidas adotadas pelo novo pontífice foram pontuadas pela promoção da centralização, o estímulo de movimentos ligados ao Vaticano, a criação de institutos leigos com estatutos, a censura à produção teológica, a política conservadora de nomeação de bispos, o retorno à moral e, a utilização midiática expressiva para difusão e consolidação do catolicismo no mundo (SILVEIRA, 2004, p. 166s). Em vista disso, podemos articular com alguma coerência histórica a rápida aceitação e legitimação dos AE no campo católico brasileiro num contexto de expansão prosélita pautada sim num catolicismo multifacetado e conservador – quando não reacionário – tal como este grupo ativamente faz vivenciar e difundir.

REFERÊNCIAS

ALTOÉ, André Pizetta. **A TFP em Campos dos Goytacazes: trajetória política, gênero e poder.** 2004. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Sociais) –

²⁰ Nesta descrição percebemos efetivamente a manutenção do discurso da diversidade na unidade, denotando que, afora as diferenças de atuação e interpretação da doutrina, existem elementos comuns que possibilitam tal conjunção de movimentos e grupos heterogêneos na unicidade do catolicismo. Conforme o documento: “Porque a pluriformidade é a verdadeira riqueza e traz consigo a plenitude, ela é a verdadeira catolicidade; o pluralismo, ao contrário, de posições fundamentalmente opostas leva à dissolução, à destruição e à perda de identidade” COMUNICADO MENSAL DA CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 1985. p. 1679.

Centro de Ciências do Homem, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes, 2004.

_____. **Tradição, Família e Propriedade (TFP):** Uma instituição em movimento. 2006. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Ciência Política) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.

ASSOCIAÇÃO DOS FUNDADORES DA TFP – TRADIÇÃO FAMÍLIA PROPRIEDADE. **Plínio Corrêa de Oliveira dez anos depois...** São Paulo: [s.n.], 2005.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas.** São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. **A Economia das Trocas Simbólicas.** 5ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2003.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano.** 1. Artes de fazer. 8ª edição. Petrópolis: Vozes, 2002.

COMUNICADO MENSAL DA CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Sínodo dos Bispos “Celebrar, verificar e promover o Concílio Vaticano II”.** Ano 14. nº 396, 31 de dezembro de 1985.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Tradição, Família, Propriedade. In: **Pronunciamentos da CNBB 84- Coletânea – 85.** nº 35. São Paulo: Paulinas, 1985. p. 35.

COUTINHO, Sérgio Ricardo. História Recente do Catolicismo no Brasil. **Encontros Teológicos,** nº 37, Ano 19/1, p. 91-107, 2004.

INTROVIGNE, Massimo. **Uma Battaglia nella notte. Plínio Corrêa de Oliveira e La crisi Del secolo XX nella Chiesa.** Milano: Sugarco Edizioni, 2008.

LUNEAU, René. MICHEL, Patrick (Orgs). **Nem todos os caminhos levam a Roma.** As mutações atuais do catolicismo. Petrópolis: Vozes, 1999.

MAIA, Pe. Pedro Américo. **História das Congregações Marianas no Brasil.** São Paulo: Loyola, 1992.

OLIVEIRA, Plínio Corrêa de. **Guerreiros da Virgem – A réplica da autenticidade: A TFP sem segredos.** São Paulo: Vera Cruz, 1985.

RAMBO, Arthur B. Restauração católica no sul do Brasil. **História: Questões & Debates,** Curitiba, n. 36, p. 279-304, 2002.

RICHARD, Pablo. **Morte das Cristandades e Nascimento da Igreja.** São Paulo: Paulinas, 1982.

_____. O campo religioso contemporâneo no Brasil. In: ORO, Ari Pedro. STEIL, Carlos Alberto (Orgs). *Globalização e Religião*. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 103-115.

SANDRE, Italo de. Carisma. In: BOBBIO, Norberto. MATTEUCCI, Nicola. PASQUINO, Gianfranco (Orgs). **Dicionário de Política**. 12ª edição. Vol. I. Brasília: Editora da UnB, São Paulo: Imprensa Oficial de São Paulo, 2002.

SILVEIRA, Emerson José Sena da. Pluralidade Católica: um esboço de novos e antigos estilos de crença e pertencimento. **Sacrilegus**, Juiz de Fora, v.1, n.1, p. 153-174, 2004.

SIQUEIRA, Deis. LIMA, Ricardo Barbosa de (Orgs.). **Sociologia das adesões: Novas religiosidades e busca místico-religiosa na capital do Brasil**. Rio de Janeiro: Garamond; Vieira, 2003.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade: Fundamentos da sociologia compreensiva**. 3ª edição. Brasília: Ed. UnB, 2000.

ZANOTTO, Gizele. **Tradição, Família e Propriedade (TFP): As idiosincrasias de um movimento católico**. 2007. Tese (Doutorado em História Cultural) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

FONTES

BARREIROS, Tomás Eon. **Depoimento: Vivência na TFP I** [Curitiba], 12 out. 2004. Entrevista concedida a Gizele Zanotto [com complementações do entrevistado].

FEDELI, Orlando. No país das maravilhas: a Gnose burlesca da TFP e dos Arautos do Evangelho (parte 1/8). **Montfort Associação Cultural**. Disponível em <<http://www.montfort.org.br/index.php?secao=cadernos&subsecao=religiao&artigo=pc-o-i&lang=bra>> Acesso em 10 de outubro de 2010.

GALVÃO, Vinícius Queiroz. TAKAHASHI, Fábio. Conselho nega pedido de dissidente da TFP criar faculdade. **Folha.com**, 05 de maio de 2010. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/ult305u731016.shtml>> Acesso em 10 de outubro de 2010.

MONSENHOR JOÃO SCOGNAMIGLIO CLÁ DIAS. Biografia. **Monsenhor João Scognamiglio Clá Dias**. Disponível em: <<http://www.joaocladias.org.br/curriculum.asp>> Acesso em 10 de outubro de 2010.

PARECER CNE/CES No. 169/2009. **Portal do MEC**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/pces169_09.pdf> Acesso em 10 de outubro de 2010.

PARECER CNE/CES No. 5/2010. **Portal do MEC**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=6145&Itemid=>> Acesso em 10 de outubro de 2010.

REVISTA AOL. O novo exército da fé. **Revista AOL**. Ano II, no. 63, 04 de março de 2005. Disponível em <www.aol.com.br/revista/materias/2005/0036.adp> Acesso em 30 de maio de 2005. [Esta matéria não está mais disponível pois a AOL Brasil fechou em 2006, quando seus cadastros de assinantes foram vendidos para o provedor Terra]

REVISTA ARAUTOS DO EVANGELHO. O fundador dos Arautos, Doutor em Direito Canônico. **Arautos do Evangelho**. [Revista Arautos do Evangelho, Janeiro/2010, n. 97, p. 20 à 27] Disponível em: < <http://www.arautos.org/especial/12285/Originalidade--Cientificidade-e-experiencia.html> > Acesso em 10 de outubro de 2010.

3ª VARA CÍVEL DE SÃO PAULO. **Processo Nº 3058/97**. Dispõe sobre o ajuizamento da ação declaratória de nulidade parcial de estatuto social contra a Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade – TFP. Juiz de Direito: Carlos Eduardo Ferraz de Mattos Barroso. Sentença de 1ª Instância, 19 de julho de 1998.

VARA CÍVEL DO FORO CENTRAL DA COMARCA DA CAPITAL DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Ação de Exclusão de Sócios Dissidentes c/c Pedidos Declaratórios e Condenatórios Correlatos e c/ Pedido de Antecipação de Tutela. Dispõe sobre o reconhecimento da dissidência na Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade – TFP, bem como a exclusão dos sócios dissidentes.** 10 de agosto de 2006.

Recebido em: 07/11/2010

Aprovado em: 23/05/2011